



LETTRAS APOSTOLICAS

DO

Soberano Pontifice Leão XIII

AO POVO INGLEZ

Leão XIII ao povo inglez que procura o reino de Christo na unidade da fé, —prosperidade e paz no Senhor.

Ha tempos, n'uma carta apostolica aos principes e aos povos, dirigimo-Nos á nação ingleza ao mesmo tempo que a outras; mas desejamos ardentemente fazel-o de novo por uma carta especial e dar assim á illustre nação ingleza um penhor da nossa sincera affeição. Este desejo foi avigorado pela cordeal benevolencia que sempre sentimos pelo vosso povo, cujas grandes acções nos tempos antigos a historia da Igreja traça.

Não eramos menos animado a proceder d'este modo pelas frequentes conversações que temos tido com compatriotas vossos, que Nos teem testemunhado os favoraveis sentimentos dos Inglezes para com a Nossa pessoa, e, mais que tudo, a ardente sêde, que elles teem, da paz e da salvação eterna pela unidade da fé. Deus é testemunha da vivacidade do desejo, que sentimos, de vêr os Nossos esforços contribuirem para favorecer e fazer progredir essa grande obra: obter a união da christandade; e damos graças a Deus, que tanto tem prolongado a Nossa vida, por podermos fazer uma tentativa n'este sentido.

Mas porque, como é de justiça, a confiança, que temos, d'um feliz resultado, a apoiamos principalmente e sobre tudo no maravilhoso poder da graça de Deus, tomamos a resolução, depois de maduro exame, de convidar todos os Inglezes que se gloriam do nome christão a cooperarem na mesma obra, e exhortamol os a elevarem o seu coração a Deus com Nosco, a pôrem a sua confiança n'Elle e a procurarem junto d'Elle, applicando-se assidua-

mente á santa oração, o auxilio que é necessario em taes circumstancias.

A affeição e a solicitude dos Pontifices Romanos pela Inglaterra são traditionaes desde a epoca do Nosso seu predecessor Gregorio Magno.

A religião e a humanidade em geral, e especialmente a nação ingleza, devem-lhe profundo reconhecimento. Apesar de reservado pelo chamamento de Deus para um dever ainda mais elevado, emprehendeu a obra apostolica «de converter os Anglo-Saxonios, como se tinha proposto fazer quando era simples frade, e o seu espirito permaneceu applicado a este projecto grande e salutar.» (João Diacono — *Vida de S. Gregorio Magno*). Não descansou enquanto não viu realisada esta empreza. Com effeito, entre a familia monastica que, na sua propria casa, formára no estudo e n'uma santa vida, escolheu alguns religiosos, que enviou, sob a direcção d'Agostinho, á Inglaterra, para serem os mensageiros da Graça, da Sabedoria e da Civilisação junto d'aquelles que ainda estavam mergulhados no paganismo. E como elle contava com o auxilio divino, a sua esperanza augmentava com as difficuldades, até que enfim viu a sua obra coroada d'oxito.

Elle mesmo escreveu a este respeito com uma alegria triumphante em resposta a Santo Agostinho, que lhe enviára a nova do feliz resultado: «Gloria a Deus no ceu e paz na terra aos homens de boa vontade. Gloria a Christo, cuja morte nos dá a vida, cuja fraquesa nos torna fortes, pelo amor do qual procuramos na Bretanha esses irmãos que não conheciamos e pela graça de quem encontramos aquelles que procuravamos sem os conhecer. Quem poderia descrever a alegria que encheu os corações de todos aquelles que aqui estão, quando souberam que a raça ingleza, por effeito da graça do Deus Omnipotente e pelos vossos trabalhos, meu irmão, foi esclarecida pela luz da nossa Santa Fé, que dissipa as trevas, e, em plena liberdade d'espirito, calcou aos pés os idolos, aos quaes anteriormente estava sujeita com um temor insensato!»

E felicitando Ethelberto, rei de Kent, e Bertha, sua esposa, n'uma carta cheia d'affecto, por elles terem imitado «Helena, d'illustre memoria, e Constantino, o piedoso imperador», fortifica-os, assim como ao seu povo, com salutaes conselhos. E não cessou, durante o resto da sua vida, de sustentar e desenvolver a sua fé com instrucções, que a sua santa prudencia lhe ditava.

Assim, o Christianismo que a Egreja tinha levado á Bretanha, que alli tinha espalhado e defendido contra a

heresia nascente (1), depois de ter sido momentaneamente destruido pela invasão das raças pagãs, foi n'essa epoca felizmente restabelecido, graças ao zelo do Gregorio.

Havendo resolvido dirigir esta carta ao povo inglez, lembramos, no mesmo tempo, estes grandes e gloriosos acontecimentos da historia da Igreja, de que essa nação se deve por certo recordar com gratidão.

Demais, convem notar que os Pontifices, que succederam a Gregorio, foram herdeiros do seu amor e da sua solicitude para com esse povo.

E isto se evidencia pelo constante cuidado, que elles tiveram, de escolher para a Inglaterra dignos pastores e mestres instruidos nas sciencias humanas e divinas, e pelos seus caridosos conselhos e numerosas medidas, que tomaram, para procurar tudo que era necessario ao estabelecimento e desenvolvimento da Igreja nascente.

E mui breve este cuidado foi recompensado, porque talvez em nenhum outro caso, a fé lançasse tão rapidamente raizes, e um amor tão ardente e tão vivo se não houvesse manifestado para com a Sé de Pedro. A raça ingleza estava, n'essa epoca, inteiramente unida a este centro da Unidade christã, que foi divinamente estabelecida na pessoa dos Bispos de Roma, e, no decorrer dos seculos, homens de todas as classes lhe teem estado unidos pelos laços da fidelidade. Este facto é superabundante e plenamente provado pela historia para ser posto em duvida ou discutido.

Mas, nas tempestades que açoitaram a catholicidade na Europa no seculo XVI, a propria Inglaterra tambem soffreu graves danos, porque primeiramente foi, por infelicidade, separada da comunidade da Sé apostolica e assim privada d'essa santa fé, na qual, durante longos seculos, ella havia encontrado a alegria e a liberdade.

Foi uma triste desorção, e os Nossos predecessores, deplorando-a no seu ardente amor, fizeram todos os esforços que lhes foi possivel fazer para lhe pôrem termo, e para attenuar os numerosos males, que d'ahi resultaram.

Seria longo e não é necessario re-

(1) A acção do S. Celestino I foi muito efficaz contra a heresia pelagiana, como relata, na sua chronica, S. Prospero d'Aquitania, um escriptor d'essa epoca que foi depois secretario do S. Leão Magno. «Agricola, o Pelagiano, filho do Bispo Polagiano Severianus, infestou as Igrejas d'Inglaterra com os erros do seu ensino, mas por instancias do diacono Palladius, o Papa Celestino enviou Germanus, Bispo d'Auxerre, como seu vigario, e chamou o povo inglez a fé catholica, tendo afastado os hereticos.

lutar minuciosamente os zelosos e sem cessar crescentes cuidados, que elles tomaram n'estas circumstancias.

Mas o que certamente fizeram de mais efficaz foi recommendar tão frequentemente aos fieis a pratica d'uma oração especial dirigida a Deus para que Elle lance compassivos olhares para a Inglaterra.

No numero dos que se dedicaram a esta especial missão de caridade, houve homens veneraveis e santos, em particular S. Carlos Borromen e S. Philippe Nery, e, no ultimo seculo, Paulo, fundador da sociedade da Paixão de Christo, que, não—segundo se diz,—sem uma certa inspiração de Deus, fez instantes supplicas «junto do throno da Graça divina», e isto com tanto mais ardor, que as circumstancias pareciam menos favoraveis á realisação das suas esperanças.

Nós mesmo, muito tempo antes de sermos elevado ao supremo Pontificado, sentimos vivamente a importância da santa oração offerecida por esta causa, e a approvamos do fundo do coração. Com effeito, muito Nos apraz lembral-o, na epoca em que eramos Nuncio na Belgica, travamos conhecimento com um Inglez, Ignacio Spencer, que era filho de S. Paulo da Cruz. Expoz Nos elle o projecto, que já havia começado a realisar, de dilatar uma sociedade de piedosos fieis com o fim d'orarem pelo regresso da nação ingleza á Igreja (1).

E desnecessario será dizer que cordalmente entramos n'esta intenção inspirada pela Fé e pela Caridade, e quanto favorecemos esta causa, na previsão de que a Igreja ingleza tiraria d'ella abundante apoio. Comquanto os fructos da graça divina, obtidos pela oração, fossem já manifestos, contudo tornaram-se mais notaveis á medida que esta santa Liga mais se espalhava.

Grande numero d'homens foram levados a seguir o appello divino. Entre elles, havia algumas pessoas eminentes; alguns havia tambem que, procedendo assim, tinham que fazer sacrificios pessoas e heroicos. Além d'isso, houve uma attracção maravilhosa dos corações e dos espiritos para a fé e a pratica do catholicismo, que veio fazer crescer o respeito e a estima do publico, e mais que um preconceito, ha muito tempo inveterado, cedeu deante da força da verdade.

Considerando tudo isto, Nós não duvidamos que as supplicas humildes e unidas de tantos fieis, dirigidas a Deus, apressem o tempo que a sua misericordia marca ao povo inglez, em que «a palavra de Deus se propagará e será glorificada.» (*Theol., III, 1.*)

(1) Para esta fim, elle recommendava especialmente a Ave Maria.

A Nossa confiança fortalece-se quando vemos as medidas legislativas e outras que, se não tendem directamente ao fim que Nós temos em vista, visam ao menos indirectamente a elle, melhorando a condição do povo e tornando efficazes as leis da justiça e da caridade.

Tivemos conhecimento, com particular alegria, da muita attenção que em Inglaterra se presta á solução da questão social, que temos cuidadosamente tractado nas Nossas Encyclicas, e ao estabelecimento de sociedades de socorros mutuos e outras congeneras, nas quaes se apoia, sobre uma base legal, o melhoramento da condição das classes laboriosas.

Tivemos tambem conhecimento dos esforços vigorosos e perseverantes que se tem feito para dar ao povo uma educação fundada sobre o ensino religioso, que é a base mais solida da instrucção da juventude, da sua manutenção da vida domestica e civil; e conhecemos o zelo e energia com que grande numero d'homens trabalham para promulgar as opportunas medidas tendentes a reprimir o degradante vicio da intemperança.

Soubemos enfim que se tem formado sociedades entre os jovens das classes superiores para espalhar a pureza dos costumes e manter a honra devida á mulher. Com effeito, em face da virtude christã da continencia se espalham subtilmente opiniões perniciosas, como se se creesse que um homem não está tão estreitamente ligado pelo preceito como uma mulher. Além d'isso, homens sabios estão profundamente alarmados com a diffusão do racionalismo e do materialismo, e Nós mesmo temos muitas vezes elevado a voz para denunciar esses males que enfraquecem e paralyzam não sómente a religião, mas as proprias molas do pensamento e da acção. A maior honra é devida áquelles que, sem receio e sem cessar, proclamam os direitos de Deus e de Nosso Senhor Jesus Christo, assim como as leis e os ensinamentos do reino divino no mundo. Só n'esses ensinamentos é que se encontra a força, a sabedoria e a segurança. As diversas e numerosas manifestações de interesse pelos velhos, orphãos, incuraveis e indigentes, assim como os refugios, as casas de reforma e outras obras da caridade, tudo o que a Igreja, como mãe terna, estabeleceu, e, desde os primeiros tempos recommendou como um dever especial, tudo isso prova d'uma maneira evidente o espirito que vos anima.

Não podemos deixar de mencionar de maneira especial a rigorosa observancia publica do domingo e o espirito

geral de respeito pelas Sagradas Escripturas. Todos conhecem o poder e os recursos da nação ingleza e a influencia civilisadora que, com a diffusão da liberdade, acompanha a sua prosperidade commercial, mesmo nas regiões mais afastadas. Mas, quaesquer que sejam a nobresa e a dignidade que apresentam em si mesmas estas diversas manifestações d'actividade, a Nossa alma se eleva até á origem de todo o poder, até á eterna fonte de todo o bem, Deus, nosso Pae celeste, summo bemfeitor.

Porque os trabalhos do homem, quer publicos, quer privados, não obterão plena efficacia sem um appello a Deus pela oração e sem a benção divina. «Porque feliz é o povo de quem Deus é o Senhor.» (Ps. CXLIII, 15.)

Na verdade, a alma do christão deve estar em taes disposições, que faça assentar a sua principal esperança, nas suas emprezas, no auxilio divino obtido pela oração, que torna sobrenatural todo o esforço humano. O desejo do bem, assim avivado por um fogo celeste, manifesta-se por acções ardentes e proveitosas.

Pelo poder da oração, Deus não sómente augmentou a dignidade do homem, mas, com uma infinita misericordia, concedeu-lhe um protector e um apoio no tempo da necessidade, um protector sempre prompto, e que jamais deixa d'auxiliar aquelle que resolutamente a elle recorre. «A oração é a nossa arma efficaz, o nosso grande apoio, a nossa riqueza, o nosso porto de refugio, o nosso lugar de segurança.» (Chrysost. Hom. 38, in Gen.)

Mas se a oração do homem justo é tão poderosa deante de Deus, mesmo quando se trata dos interesses terrenos, quanto mais proveitosa não será áquelle que é destinado a uma vida eterna para obter esses bens espirituales, que Christo procurou á humanidade pelo sacramento do seu amor! Porque aquelle a quem «Deus fez homem para ser a nossa sabedoria, a nossa justiça, a nossa santificação e a nossa redempção» (1.ª aos Corinthios, I, 30), além do que Elle ensinou, estabeleceu e realison, nos deu tambem para este fim o preceito salutar da oração, e na sua grande bondade o confirmou pelo seu exemplo.

Estas simples verdades são, de resto, conhecidas de todos os christãos, mas muitos d'elles não se recordam d'ellas e não as apreciam como devem. E' por esta razão que Nós insistimos principalmente sobre a confiança que se deveria ter na oração e que lembramos as palavras e o exemplo do paternal amor do mesmo Jesus Christo Nosso Senhor, palavras que tem a maior importancia e são da mais alta

animação, palavras que mostram como nos conselhos de Deus a oração é, ao mesmo tempo, a expressão da nossa indigência e a esperança certa de que obteremos a força de que temos necessidade. «Eu vol-o digo: pedi e recebereis, procurae e encontrareis, batei e se vos abrirá, porque quem pede recebe, e quem procura encontra, e áquelle que bate, abrir-so-á.» (Luc. XI, 9 e 10).

E o mesmo Filho de Deus nos mostra que, para que as nossas orações sejam acceitas á Divina Magestade, devem ser unidas ao seu nome e aos seus meritos: «Em verdade, em verdade vos digo, que, se pedirdes alguma coisa a meu Pae em meu nome, Elle vol-a dará; até agora não tendes pedido em meu nome: pedi e recebereis, afim do que a vossa alegria seja perfeita (João, XVI, 23—24); e Elle apoia as suas palavras n'uma allusão ao terno amor dos paes para com os filhos: «Se pois—diz Elle—sendo maus, vós sabeis dar boas coisas a vossos filhos, por maioria de razão vosso Pae, que está nos ceus, dará o bom Espirito áquelles que lh'o peçam.» (Luc. XI, 13).

E quam abundantes não são os bens escolhidos contidos n'esse bom Espirito! O maior de todos é esse poder occulto de que Christo fallava quando dizia: «Ninguem vem a mim, se meu Pae, que me enviou, o não attrae.» (João, VI, 44).

E' impossivel que homens apoiados n'este ensino se não sintam attrahidos, e mesmo de certo modo constangidos ao habito da oração fiel. Com que perseverança a praticarão, com que fervor a proseguirão, tendo deante dos olhos o exemplo do proprio Christo, que nada tendo que recear para si mesmo e não tendo necessidade de nada, porque era Deus, «passava entretanto toda a noite em oração (Luc. VI, 12), e offerencia as suas orações e supplicas com grandes clamores e lagrimas.»

E procedendo assim, Elle queria conservar-se supplicando deante de seu Pae, como recordando se então de que era nos. o Mestre, como diz nas suas reflexões o Veneravel Beda, essa gloria da vossa nação. (in ev. S. Joan. XVIII.)

Mas nada põe em evidencia tão clara e tão solidamente ao mesmo tempo o preceito e o exemplo de Nosso Senhor pelo que diz respeito á oração, do que o seu ultimo discurso aos apóstolos durante esses tristes momentos que precederam a sua Paixão, quando, elevando os olhos ao ceu, Elle supplicava varias vezes a Deus, seu Pae, pedindo-lhe e conjurando-o para que os seus discipulos e aquelles que o tinham seguido, fossem mui intimamente

unidos na verdade, afim do que isso seja para o mundo a prova mais convincente da divina missão que lhes ia confiar.

E, sobre este ponto, não ha pensamento mais benefico para a Nossa alma do que o d'essa feliz unidade de fé e de vontade pela qual o nosso Redemptor e Mestre pedia, n'essa ardente supplica, a unidade que, se é sempre util, mesmo aos interesses temporaes, quer na patria, quer no estrangeiro, é agora mais que nunca necessaria, como mostram as divisões e as confusões que reinam na hora actual.

Pela Nossa parte, attendendo aos signaes dos tempos, afim de n'elles haurir exhortações e inspirações para o futuro, animado, como estamos, a proceder assim pelo exemplo de Christo e pelo dever do Nosso cargo apostolico, não temos cessado de pedir e pediremos ainda humildemente pelo regresso das nações christãs, agora de nós separada, á unidade dos primeiros dias.

Por mais d'uma vez, n'estes ultimos annos, temos exprimido este desejo e posto os Nossos cuidados na realisação d'elles. Não pôde vir longe o tempo em que compareçamos deante de Deus para dar conta da Nossa administração ao Principe dos Apóstolos; e quam feliz seriamos se pod-ássemos levar-lhe algum fructo, alguma realisação d'estes desejos, que Elle nos inspirou e alimentou na Nossa alma!

Durante estes dias, os Nossos pensamentos se fixam com amor e com esperança no povo inglez. Observamos as numerosas e manifestas obras que realisa no seu seio a divina graça. Nós vemos quanto, para alguns, a multiplicidade das dissensões religiosas, que dividem esta nação, é causa de dor profunda; quanto, outros, reconhecem claramente a necessidade d'um apoio seguro contra a invasão dos erros modernos, que estão em demasiada harmonia com os desejos da natureza decahida e da razão depravada; quanto augmenta o numero dos homens religiosos e discretos que trabalham com muita sinceridade para a reunião com a Igreja catholica.

E mal podemos exprimir quanto estes signaes e outros animam em Nós o amor de Christo. Redobrando as Nossas orações do fundo da Nossa alma, pedimos mais abundante copia da graça de Deus que, espalhada sobre espiritos tão bem dispostos, possa conseguir dar o fructo ardentemente desejado, a saber: «que cheguemos todos á unidade d'uma mesma fé e d'um mesmo conhecimento do Filho de Deus (Eph., IV, 13) trabalhando cuidadosamente para conservar a unidade d'um mesmo espirito pelo laço da paz, como

todos nós temos sido chamados á mesma esperança:—não ha mais que um só Senhor, uma só fé e um só baptismo.» (1b. 3, 5).

E' pois com profundo affecto que Nos dirigimos a todos vós que estaes em Inglaterra, qualquer que seja a comunidade ou instituição a que pertençaes. Nós vos supplicamos, se quereis assegurar a vossa salvação eterna, que offereçaes uma humilde e continua prece a Deus, nosso Pae celeste, dispensador de toda a luz, para que, na sua benevolencia, Nos leve para o que fôr bom e justo. Não cesseis d'implorar a luz para conhecer a verdade em toda a plenitude e para abraçar as vistas da sua misericordia com inteira fidelidade, invocando o glorioso nome e os meritos de Jesus Christo, que é «o auctor e o consummador da nossa fé (Heb., XII, 2), que amou a Igreja até se dar a si mesmo por ella, afim de a santificar, e de se dar a si mesmo uma Igreja cheia de gloria.» (Eph., V, 25, 27).

Poderá haver para Nós difficuldades a affrontar, mas não são de natureza a deter o Nosso zelo apostolico nem a crear obstaculos á Nossa energia. Sem duvida as numerosas mudanças que teem sobrevindo e os propios tempos permittiram tomar profundas raizes ás divisões existentes. Mas será isto razão para abandonar toda a esperança de remedio, de reconciliação e de paz? De modo nenhum, se Deus está conosco. Com effeito, não devemos esperar tão grandes resultados collocando-nos sómente sob um ponto de vista humano, mas devemos antes considerar o poder e a misericordia de Deus. Nas empresas grandes e espinhosas, comtanto que a ellas se consagre com vontade ardente e sincera, Deus põe-se ao lado do homem, e é precisamente n'estas difficuldades que a acção da Providencia brilha com mais realce. Não vem longe o tempo em que treze seculos serão passados desde que a raça ingleza acolheu esses homens apóstolicos, enviados, como já dissemos, da propria Roma, e em que, regeitando o paganismo, consagrou as primicias da sua fé a Jesus Christo Nosso Senhor e Nosso Deus. Isto anima a Nossa esperança. E', na verdade, um acontecimento digno do ser lembrado com reconhecimento.

Esta circumstancia é de natureza a fazer nascer em todos os espiritos reflectidos, a recordação da fé então prégada aos vossos antepassados, a mesma que ainda hoje é prégada: «Jesus Christo era hontem, é hoje e será em todos os seculos (Heb. XIII, 8). E' tambem Elle que com muita oportunidade Nos exhorta, como vos exhorta a todos, a recordar-vos d'esses

primeiros pastores que vos prégaram a palavra de Deus, e, considerando qual foi o fim da sua vida, a imitar a sua fé». (II. 7).

Em taes circumstancias, chamamos primeiro em Nosso auxilio, como Nossos alliados, os catholicos d'Inglaterra, cuja fé e piedade Nós conhecemos.

Não se pôde pôr em duvida que, apreciando com exactidão o valor e os efeitos da santa oração, cuja virtude Nós mostramos em toda a verdade, elles se esforçarão por todos os meios a ajudar os seus compatriotas e seus irmãos, invocando em seu favor a divina clemencia. Orar por si é uma necessidade, orar pelos outros é uma inspiração d'amor fraternal, e é evidente que esta ultima oração obterá aos olhos de Deus mais favor que aquella que é ditada pela necessidade. Os primeiros christãos adoptaram sem duvida esta pratica. Em particular, pelo que diz respeito ao dom da fé, os primeiros seculos offercem-nos um brilhante exemplo; assim, havia o costume de pedir a Deus com ardor que os parentes, os amigos, os governantes e os compatriotas obtivessem o beneficio da submissão á fé christã. (Santo Agostinho, *De dono persever.*, XXIII, 63.)

Sobre este ponto, ha um outro assumpto que Nos causa inquietação. Soubemos que na Inglaterra ha homens que, sendo catholicos de nome, não se mostram taes na pratica; que nas vossas grandes cidades, muitas pessoas não conhecem os elementos da fé christã, não oram nunca a Deus e vivem na ignorancia da sua justiça e da sua misericordia: Nós devemos pedir a Deus e lhe pedimos ainda mais ardentemente n'esta triste situação, pois só Ello é capaz de dar-lhe remedio.

Oxalá Elle mostre as medidas que convem tomar para sustentar a cora gem e a força d'aquelles que trabalham n'esta ardua tarefa, e enviar operarios á sua messe! Ao passo que insistimos tão vivamente junto de nossos amigos sobre o dever da oração, desejamos ao mesmo tempo advertir-os que não devem soffrer nenhuma omissão pelo que toca á graça e aos fructos d'esta oração e que devem ter sempre presente ao espirito o preceito do apóstolo Paulo aos Corinthios: «Não dar nenhuma occasião d'escandalo nem aos Judeus, nem aos Gentios, nem á Igreja de Deus.» (1.ª aos Corinthios, X, 32).

Além das disposições exteriores da alma que são necessarias para offercer como convém a oração a Deus, importa tambem que as acções e as palavras d'aquelle que ora sejam conformes á profissão christã. As primeiras e mais importantes condições são a observancia exemplar da rectidão e

da justiça, da piedade para com os pobres, da penitencia, da paz, e da concordia nas vossas proprias casas, do respeito pelas leis; é isto o que dará força e efficacia ás vossas orações. A misericordia divina é favoravel aos pedidos d'aquelles que em toda a justiça cumprem os preceitos de Christo segundo a sua promessa: «Se vós permanecis em mim e se as minhas palavras permanecem em vós, pedireis tudo o que quizerdes e isso vos será concedido.»

Porisso Nós vos exhortamos a que, unindo a vossa oração á Nossa, desejais ardentemente vêr Deus conceder-vos a graça d'acolher os vossos compatriotas e vossos irmãos nos laços da perfeita caridade. Por outra parte, é proveitoso implorar o auxilio dos santos de Deus. A efficacia das suas orações, sobretudo n'uma tal causa, evidencia-se d'este commentario notavel de Santo Agostinho, a respeito de Santo Estevão: «Se elle não tivesse orado, a Igreja não teria tido S. Paulo.»

Porisso invocamos humildemente S. Gregorio, que os Ingleses sempre estimaram honrar como apóstolo da sua nação, Santo Agostinho, seu discipulo e seu mensageiro, todos os outros santos de Deus, cujas brilhantes virtudes e não menos notaveis acções valeram á Inglaterra o nome de «Ilha dos Santos»; S. Pedro e S. Jorge, seus padroeiros especiaes, e sobre tudo a Santa Mãe de Deus, que o mesmo Christo, do alto da Cruz, designou para ser a mãe do genero humano, e á qual o vosso reino foi consagrado por vossos antepassados, sob este glorioso titulo: «O dote de Maria».

A todos invocamos com plena confiança, lhes pedimos que sejam Nossos advogados deante do throno de Deus, de sorte que renovando a vossa gloria dos antigos dias, Elle possa «cumular-vos de paz e d'alegria na vossa fé, afim de que a vossa esperança cresça mais e mais pela virtude do Espirito Santo» (Rom., XV, 13).

E' necessario esforçar vos para que as orações pela unidade, inatituidas já entre vós, catholicos, e fixadas em certos dias, se tornem mais populares e sejam recitadas com crescente devoção. Em particular, que o piedoso exercicio do Santo Rosario, que Nós tão instantemente recommendamos, esteja entre vós em honra, porque esta oração encerra, por assim dizer, um resumo da doutrina do Evangelho, e sempre foi muito salutar para a massa do povo.

De resto, apraz-Nos por Nossa propria vontade e auctoridade acresc-n-tar uma nova indulgencia áquellas que foram concedidas de tempos a tempos pelos nossos predecessores. Concede-

mos pois a todos aquelles que recitem piedosamente a oração junta a esta carta, seja qual fôr a nação a que pertençam, uma indulgencia de trescentos dias, e, além d'isso, uma indulgencia plenaria, uma vez por mez, mediante a observancia das condições ordinarias, a todos aquelles que a recitem diariamente.

Emfim, oxalá que a divina oração de Christo em favor da unidade realises plenamente os Nossos desejos, essa oração que hoje, celebrando a recordação da sua santissima resurreição, Nós repetimos com a mais viva confiança: «Pae Santo, conserve em vosso nome aquelles que Vós me haveis dado, afim de que elles sejam um só como nós somos um... Santificae-os na verdade. A vossa palavra é verdade... Eu não ora sómente por elles, mas tambem por aquelles que devem crer em mim pela sua palavra, afim de que sejam todos um, como Vós, meu Pae, sois em mim, e eu em Vós, e que sejam tambem um só em Nós... Eu sou n'elles e Vós em mim, afim de que sejam consummados na unidade e o mundo conheça que Vós me haveis enviado, e que Vós os tendes amado, como me amaes.» (João, XVII, 11, 14, 20, 21, 23.)

Terminando, desejamos todas as bênçãos de Deus a todo o povo da Grã-Bretanha, e do fundo do coração pedimos para aquelles que procuram o reino de Christo e a salvação na unidade da fé que possam vêr a plena realisação de seus desejos.

Dado em Roma, junto de S. Pedro, aos 14 d'abril de 1895, decimo oitavo anno do Nosso Pontificado.

A' bemaventurada Virgem

ORAÇÃO PARA A INGLATERRA

O' bemaventurada Virgem Maria, Mãe de Deus e nossa graciosissima Mãe e Rainha, lança um olhar de misericordia sobre a Inglaterra, «Dote» vosso, e sobre todos aquelles que em vós põem grande esperança e grande confiança. Fostes vós que ao mundo destes Jesus, nosso Salvador e nossa esperança; e Ello vos deu a nós para que podessemos ainda esperar. Sêde nossa advogada, pois somos vossos filhos, que junto do Calvario adoptastes. O' mãe das dôres, intercedei por nossos irmãos separados, afim de que se unam conosco em um só rebanho sob o baculo do Pastor supremo, o vigario do vosso Filho. Rogae por nós, Mãe bem dita, para que, por uma fé fecunda em boas obras, cheguemos um dia a vêr e louvar a Deus, em união conosco, na vossa patria celeste. Amen.

SECÇÃO DOCTRINAL

A Milicia Christã

IV

MILICIA honrosa, para todos quantos, vivendo n'um mundo d'illusões, d'injustiças e d'enganos, queiram viver uma vida real, indo nos caminhos da justiça e da verdade.

Milicia necessaria, para todos os que desejem ir nos caminhos palmilhados pelo Redemptor dos homens, que são os unicos, que conduzem ás honras dos humanos destinos.

De que servem aguas insalubres, que não matam a sede de quem as bebe e que seccam as plantas por onde passam?

Não servem para nada bom e fazem muito mal.

Assim tambem as falsas honras não matam a sede d'honra no coração humano, e seccam, indo n'elle, as bellas plantas da humildade, do amor, do dever, do sacrificio e da caridade.

E se é certo que tanto mal produzem e que nos apparecem no lar e no templo, na rua e na praça, nas villas e nas cidades, na humilde aldeia e na côrte ostentosa, aos sabios e aos ignorantes, na infancia, na juventude, na idade adulta e até na velhice decrepita, no trabalho, no passeio, e, até, na oração, na côr do rosto, no bulir dos olhos e para alguém na côr das fitas do chapéu, no feitiço dos vestidos, no ar da capa, e possível é que até na estreiteza do talhe e, lá de frente, no fumo do cigarro, quem não temerá que esse ar o constipe, ou que esse fumo o perturbe?

E quem teme ser dominado pelos seus inimigos vive de sobre-aviso, áler-ta, vigilante, para evitar que elles venham tomar posições no seu campo, d'onde, mais tarde, seja difficil desalojal-os.

Quem não tem coisa alguma dentro de casa, pôde deixar a porta aberta e ir passear; mas quem algo tem dentro quando está, e a tem aberta, que vigie, e, saindo, que a feche com sete ferrolhos.

Ora qualquer de nós deve possuir o thesouro rico da caridade e vigiar para que lhe não seja desfalcado e trabalhar muito para o augmentar.

Este thesouro não é sómente patrimonio dos ricos generosos, é-o tambem dos menos remediados e até dos mais pobres. Não é fructo do coração da burra, é nobilissimo affecto do coração humano, e ricos e pobres todos temos coração capaz de possuir tão rico thesouro.

A caridade é suave briza, sorriso

meigo do coração divino de Jesus, que vem bafejar o coração dos seus adoradores, admirando e fazendo florescer n'elles aquelles nobilissimos e ternos affectos em que o seu ardia.

Ora Jesus, que quiz viver pobre para consolar os pobres e edificar e instruir os ricos, se alguma vez multiplicou pães e peixes para fazer esmola, constante e arduosamente multiplicou o divino zêlo e misericordias divinas para salvar almas.

Despido já da propria tunica e pregado n'uma cruz no alto do Calvario, derramou a torrentes a caridade, perdoadando e pedindo o perdão dos que o sacrificaram, consolando a Mãe e o discipulo amado e mais ainda o bom ladrão.

E esse zêlo pela consolação e salvação das almas, a principiar pela nossa, todos, pobres e ricos, o podemos ter.

Com o bom exemplo, os bons conselhos, a oração, a graça dos santos Sacramentos e algum sacrificio proprio, quem não pôde evitar ou corrigir algum escandalo?

E que obra pôde haver de caridade mais aerisolada e de mais benefica transcendencia que esta?

Avivar a fé no coração d'um chefe de familia, guardar a dignidade esplendorosa d'uma donzella, ensinar as verdades cujo conhecimento é necessario para a salvação a quem desgraçadamente as ignora, levar um raio de luz aos que vivem em trevas, uma faísca d'amor divino a quem, regelado, vive na aridez da indifferença e uma aura de paz ao desesperado — quem o não poderá fazer, se essas necessidades se alastram até aos mais remotos angulos da nossa sociedade e são do conhecimento de todos?

Mas para tanto é mister combater o amor proprio e o seu nescio temor aos respeitoos humanos e ás imprudencias da impaciencia, que não são melhores, e os proprios commodos, e uma detestavel pusillanimidade, filha dos mimos exaggerados do proprio amor. Eis ahí o combate.

DR. JOSÉ RODRIGUES COSGAYA.

SECÇÃO SCIENTIFICA

DEUS E JESUS

SEGUNDO A MAÇONARIA E SEGUNDO A EGREJA

III

JESUS

(Continuado da pag. 44)

ACTOR. — Como a pessoa divina do Verbo subsiste em Jesus em duas naturezas, isto é, a divina e a humana,

é claro que em Jesus Christo devem admittir-se duas intelligencias e duas vontades, isto é, intelligencia e vontade divina, intelligencia e vontade humana. Pois bem: por sua natureza a intelligencia humana é destinada ao conhecimento da verdade, e assim devia ser em Christo. Colloco-te agora deante d'esta questão: Tere Jesus Christo acerca da primeira verdade, que é Deus, só o conhecimento haurido das coisas sensiveis, ou viu immediatamente essa verdade com a intelligencia humana?

JOÃO. A primeira vista parece-me que não, porque era viador e mortal.

ACTOR. — Os theologos catholicos, pelo contrario, estão d'accordo em dizer que a divindade infinita de Jesus convinha que a sua intelligencia humana fosse illustrada pela luz divina, afim de vêr immediatamente a divindade desde o principio da sua existencia. Convém saber que, segundo Santo Thomaz, Deus deve ser considerado sob dois aspectos: no seu ser real e no seu ser ideal. Isto é, em quanto é ser infinito subsistente e em quanto é ideia de cada coisa existente e possível. Ensina que n'esta vida naturalmente se não pôde vêr com immediata intuição a Deus, nem como ser real, nem como ser ideal. Mais ainda: que a intuição de Deus como ser ideal «presuppõe» a que de Deus existe como ser real. A visão de Deus é propria dos bemaventurados, e alcança-se pela conjunção da divina essencia com o entendimento humano. Na vida presente o homem só tem um conhecimento analogico da divindade, porque naturalmente só conhece as creaturas que são vestigios ou effectos de Deus. O Doutor Angelico não concede nem mesmo aos prophetas a intuição do ser real ou ideal divino.

JOÃO. — Mas não creio nos partidarios de Rosmini, os quaes concedem a todos os viadores esta ultima. O peor é que dizem que a sua doutrina é de Santo Thomaz.

ACTOR. — Conceda-se que não conheçam os erros que abraçam. A ignorancia tem seus privilegios, entré os quaes está o de confundir, sem ás vezes o advertir, a verdade com o erro, assim como o de não vêr a força dos argumentos com os quaes aquella é robustecida e este desmascarado e destruido. Todavia, sustentar que a sua doutrina é a de Santo Thomaz, não se pôde fazer sem mentir vergonhosamente, coisa que homens honrados não deviam fazer. Paciencia! Peor para elles. Todavia, dando o nome de «rosminianos» aos unicos defensores do systema philosophico de Rosmini, quer dizer-se agora que são raros como as moscas brancas, porque quasi todos os antigos

cultores d'aquelle falso systema se cansaram de ser arrastados por alguns poucos sophistas, enfastiando-se das contradicções e das trevas em que por infelicidade se envolviam. Por consideração humana (que se manifesta nos tímidos e nos apoucados), não se fazem tão abertas confissões em publico; mas fazem-se particularmente. Peço-te, porém, que ponhas de parte esse thema e prosigamos o nosso.

ACTOR. — Por conseguinte á intelligencia humana de Jesus Christo era dado vêr a essencia de Deus, á maneira dos bemaventurados, isto é, tinha a sciencia que se chama beatifica, na qual consiste a felicidade dos bemaventurados.

ACTOR. — Sim! De modo superior a todos os anjos do paraizo e a todos os homens santos. Assim Jesus Christo era comprehensor e viador ao mesmo tempo.

JOÃO. — Mas com esta palavra «comprehensor» entende que comprehendia com a intelligencia humana a essencia divina, isto é, que conhecia a Deus intuitivamente e do mesmo modo que Deus se conhece a si mesmo?

ACTOR. — Isso não! Porque a natureza humana em Jesus, pela graça da união hypostatica com o Verbo, se adquiria uma dignidade infinita, não cessava de ser finita em si; mas a intelligencia humana de Jesus tinha não infinito, mas finito valor. Pois bem: o infinito não pôde ser entendido quanto é intelligivel por uma faculdade finita; por isso, se o conhecimento de Jesus superava o dos bemaventurados, era inferior ao conhecimento pelo qual Deus se conhece a si mesmo, e conseguintemente ao do Verbo, quer dizer, ao do mesmo Jesus em quanto estava n'Elle a natureza divina. Por isso, Santo Thomaz pôde dizer que a intelligencia humana de Jesus não comprehendia o proprio Verbo, a que se achava pessoalmente unido. (F. III, 10, ar. 1.) *Anima Christi non comprehendit Verbum.*

JOÃO. — Por consequencia não se pôde dizer que Jesus, mesmo vendo a livindade, tinha a sciencia de tudo.

ACTOR. — Aqui é necessario assentar um principio que nos deu Santo Thomaz, e é: *Nulli intellectui beato deest quin cognoscat in verbo omnia quae ad ipsum spectant.* Este principio funda-se em que o bemaventurado deve conhecer (III, 10, art. 2) tudo o que pôde desejar conhecer, assim como quanto está ou poderá estar em relação com elle. Mas tudo n'este mundo se relaciona com Jesus; por isso todas as coisas passadas ou futuras, como tambem as que seriam futuras se se realisasse alguma condição que realmente não teve nem terá logar, foram conhe-

cidas por Jesus. No campo das coisas que são possíveis para Deus, ha uma infinita latitude, e a estas não se entende totalmente o conhecimento da intelligencia humana de Jesus.

JOÃO. — Mas esta sciencia bemaventurada era a unica em Jesus Christo? Não tinha uma semelhante á nossa?

ACTOR. — Sim. Era tambem viador, não podendo carecer d'aquella sciencia natural ao homem. O homem tem sem duvida a intelligencia possível, que recebe as especies intelligiveis das «quididades» das coisas que caem sob os sentidos, e tem a intelligencia agente que é a luz intellectual «concreada» no homem. Com esta luz abstrae dos phantasmas que veem com as sensações, a «quididade» das coisas sensiveis. A intelligencia, pois, possível e agente devia existir em Jesus; por conseguinte devia existir aquella sciencia que chamaremos «adquirida», da qual não pôde carecer o homem viador. Eis a opinião de Santo Thomaz, que adduzo com as suas proprias palavras: *Nihil eorum quae Deus in nostra natura (III, 9, art. 4) plantavit, defuit humanae naturae assumptae a Dei Verbo. Manifestum est autem, quod in humana natura Deus plantavit non solum intellectum possibilem, sed etiam intellectum agentem. Unde necesse est dicere quod in anima Christi fuit non solum intellectus possibilis, sed etiam intellectus agens. Si autem in aliis Deus et natura nihil frustra faciunt, multo minus in anima Christi aliquid fuit frustra. Frustra autem est quod non habet propriam operationem, cum omnia res sit propter suam operationem. Propria autem operatio intellectus agentis est facere species intelligibiles actu abstrahendo eas a phantasmatis...* Sic igitur necesse est dicere quod in Christo fuerint aliquae species intelligibiles per actionem intellectus agentis in intellectu possibili eius receptae; quod est esse in ipso scientiam acquisitam, quam quidam experimentalem nominant. Como nós, recebidas as sensações dos objectos sensiveis, formamos as especies intelligiveis e produzimos os conceitos ou verbos intellectuaes das mesmas coisas, succedia isto tambem com Jesus, que tinha a natureza humana perfeita nas suas faculdades e nos seus actos. Porém Jesus realisa successivamente novas impressões dos objectos sensiveis, e por consequencia novos conceitos se formavam na sua mente, pelo que esta sciencia, que eu chamava adquirida, crescia n'Elle, como crescia a idade, apezar da sciencia bemaventurada permanecer a mesma em toda a sua vida.

Outra terceira sciencia se deve considerar em Jesus e é a infusa. Deves presuppôr que as especies intelligiveis, que são os principios pelos quaes se

formam os conceitos, estão na intelligencia humana á guisa d'accidentes, pelos quaes o homem adquire e depois guarda habitualmente a sciencia. É claro que se aquellas especies são produzidas pela luz intellectual, que é virtude natural do homem, podem ser produzidas immediatamente por Deus, que pôde por si produzir quanto podem produzir na natureza as cousas segundas. Assim Deus produziu, isto é, infundiu nas almas por elle predilectas a sciencia que theologicamente se chama infusa, da qual foi generoso com os prophetas que vaticinaram as coisas futuras. Os anjos não formam as especies intelligiveis por abstracção dos phantasmas, que não podem ter por causa da sua natureza espirital, pelo que carecem d'aquella luz que ha no homem e que chamamos intellecto agente. Por isso, receberam de Deus immediatamente infusas as especies intelligiveis com as quaes conheceram, quando eram viadores, as cousas em suas naturezas. Esta sciencia infusa no homem é uma perfeição recebida pela intelligencia; ainda que, como diz Santo Thomaz, não se pôde reconhecer em Jesus Christo. Por isso, além da sciencia adquirida, deve reconhecer-se em Jesus tambem a sciencia infusa.

(Conclue no proximo numero)

SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL

Actos da Santa Sé

Esponsaes.—Direttos de appellação

N^o anno de 1879, Antonio contrahi esponsaes validos com Rosa, accordando em que o matrimonio se realisaria logo que qualquer dos dois instasse pela sua celebração. Os paes da esposa fizeram a sua filha escriptura de dote de 810\$000 réis; 180\$000 réis a mãe, pagaveis ao esposo no termo de tres mezes depois dos esponsaes, e 630\$000 réis o pae, pagaveis tres mezes depois do matrimonio. O contrahente, passado algum tempo, tratava de casar com outra, pretextando a insolvencia da familia da esposa, que recorreu á Curia ecclesiastica reclamando o cumprimento do contracto esponsalicio. Apesar do esposo se defender, a Curia declarou que não constava a insolvencia allegada por Antonio, e que não havia n'este causa sufficiente para deixar de cumprir o estipulado. Antonio appellou da dita sentença para a Santa Sé, sem remetter os autos originaes em testemunho dos

mesmos, por não ter querido pagar à Curia os direitos da copia. A Sag. Cong. do Conc. dispôz que o Bispo procurasse obter uma conciliação entre as duas partes. Não se tendo podido conseguir, convidada a esposa a ceder do seu direito pelo bem espiritual do esposo, respondeu que, apesar da dificuldade que lhe custava esta renuncia, a fazia pagando o esposo 810\$000 réis como indemnisação dos prejuizos que lhe havia causado, não admittindo partidos que se lhe haviam apresentado, para cumprir a promessa feita. O esposo negou-se a pagar a somma, e limitou-se a pedir como graça que o libertassem do cumprimento dos esponsaes. Os dois esposos defenderam largamente o seu direito perante a Sag. Cong., e para resolver a questão propuzeram-se as seguintes perguntas:

1.^a Se consta a legitimidade da apellação;

2.^a Em caso affirmativo, se a sentença da Curia se confirma ou revoga;

3.^a No caso de dever confirmar-se, se se ha de pedir ao Summo Pontifice a dispensa do cumprimento dos esponsaes.

A Sag. Cong. dignou-se responder em 1 de setembro de 1883:

A' 1.^a pergunta, — *negativamente.*

A' 2.^a — *previsto na primeira.*

A' 3.^a — *affirmativamente; porém pagando o esposo à esposa a quantia de 270\$000 réis.*

SECÇÃO LITTERARIA

Oração da noite

Já não vejo, Senhor, os esplendores

Do sol que faz o dia,

Sazona fructos e matiza flores,

E, loco d'allegria,

Dotem do malfetor o fero instincto

E deixa o frio do terror extincto.

Só vejo trovas, palpo sombras frias,

E se não muge o vento

Ou corujas me dão melancolias,

Silencio por tormento

Profundo, mysterioso me circunda

Do triste imaginar na barafunda.

Mas vejo com o sol fugir a vida,

Das trovas surge o somno,

Com elle, providente me convida

O meu prestante dono

A descançar da lida, que, constante,

Em breve daria cabo d'um gigante.

Como sois bom, Senhor, meu Deus prestante,

Pois quanto daes é tudo

Bom, para nós, em fructos abundante;

Sois do mortal escudo,

E do noite, Senhor, como de dia,

A paz e a esperança da alegria.

Dae-me, Senhor, um somno em que tranquillo

Durma sem ter remorsos

D'esta consciencia minha, no sygillo

Que faz grandes esforços

Para fallar contra mim, se, delinquento,

Esto meu proceder, justa, pressante.

Para longo, Senhor, as sombras feias

Mo afastae do peccado,

E o estridente rangor d'ossas cadeias

Do triste condemnado

Que me privam do somno e da alegria

E fazem que Satan de mim se ria.

Deixae, Senhor, que eu veja quando durma

Do céo os moradores

Cantando sem cessar, e turma a turma

Eternos os louvores

Que mereceis, meu Deus, o ser vos canto

Por gratidão no amor constante.

Maria, do Deus Mãe e nossa pura,

Do roda do meu leito

Que aspire sempre a maternal ternura,

E que vos renda preito

Mesmo a dormir, eu, de filial carinho

Como avosinha antes de sair do ninho.

No vosso collo maternal, Maria,

Onde Jesus Infante

Sorrindo de prazer também dormia,

Anhele, palpitante,

Reclinar com doçura minha frente

Para dormir depois profundamente.

DR. JOSÉ RODRIGUES COGAYA.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

Recebemos — LOURDES, *Milagre e Sciencia* — Zola, Charcot, Bernheim — *hysteria, hypnotismo, suggestão* — ensaio scientifico-historico por Theotonio Manoel Ribeiro V. de Castro, doutor em theologia pela Universidade Pontificia Gregoriana, Conego da Sé Cathedral do Porto, Professor de Sciencias Ecclesiasticas e vice-reitor do Seminario.

Este livro é interessantissimo e lê-se com muito agrado. N'elle se prova que o Milagre existe; que algumas curas, que se hão operado em Lourdes, não podem explicar-se senão pelo sobrenatural; que os mesmos homens de sciencia rebeldes á acceptação do Milagre, ficam extaticos ante certas curas occorridas em Lourdes e as não explicam satisfactoriamente em face da sciencia, de que são representantes.

Os argumentos adduzidos pelos homens de sciencia, que tem combatido os Milagres de Lourdes, são pulverizados no livro do rev.^{mo} snr. dr. Theotonio de Castro. A argumentos *soi-disant* scientificos, contrapõem-se argumentos verdadeiramente scientificos; a testemunhos da fé humana, outros testemunhos, não menos valiosos, da fé humana; a factos, outros factos evi-

dentos, incontestaveis, sem sombra de duvida.

O snr. dr. Theotonio, como se vê do seu livro, estudou tudo ou quasi tudo que se tem escripto pró e contra os acontecimentos de Lourdes. O seu trabalho d'investigação e consulta é inaudito. Depois de ter lido e assimilado tudo, passou-o pelo cadinho da sua critica — imparcial, sensata e scientifica — e d'esse labor, por certo insano, deu-nos o seu *Lourdes*, obra que faria a reputação do illustre e erudito professor, se essa reputação não estivesse feita já ha muito.

Temos lido bastante sobre os acontecimentos de Lourdes — pró e contra — e até chegamos a lêr o *Lourdes*, de Zola, antes d'estar condemnado pela Congregação do Index; mas, com franqueza o dizemos, em nenhuma das obras estrangeiras, que lemos, de refutação ás dos que negam os Milagres de Lourdes, encontramos tão completamente tratada a questão como no *Lourdes*, do snr. dr. Theotonio.

Recommendamos, pois, este apreciabilissimo livro aos leitores, conscios de que lhes aconselhamos a acquisição d'um livro em cuja leitura não só haurirão sciencia solida, mas passarão agradavelmente algumas horas.

O livro custa 500 réis; pelo correio, 550. A Livraria Catholica Portuense encarrega-se de o remetter pelo correio a que lhe enviar a sua importancia.

Recebemos o livrinho — « *A R. Madre Javouhey, fundadora da Congregação das Irmãs da Missão, ou de S. José de Cluny* » por Leão Aubineau, versão portugueza de C. de L., prefaciada pelo nosso presado amigo e distincto escriptor catholico, snr. Manoel Maria Fructuoso, antigo redactor do *Progresso Catholico*.

O livro é conhecido dos nossos presados leitores: todos sabem, pois, o que elle vale.

O prefacio contem judiciosas considerações e sabios conselhos aos nossos governantes, que oxalá fossem tidos na merecida consideração.

Custa 140 réis; pelo correio 180 réis.

Agradecemos a offerta.

Recebemos os seguintes opusculos das Leituras Catholicas, que se publicam na typographia Salesiana de Niefteroy: *O Papa*, opusculo por Mons. de Ségur; *Perguntas respeitadas dirigidas a um ministro da igreja evangelica por um neophyto da mesma igreja* (continuação); *O Filho generoso*, drama em 3



A INVENÇÃO DA SANTA CRUZ

actos pelo P. professor Egydio Cattaneo.

São opusculos impregnados de sã doutrina e dignos de serem lidos.

Agradecemos a offerta aos bons Padres de Nietheroy.

Recebemos e agradecemos o *Novo catecismo popular da doutrina christã* para uso da juventude, contendo, além da doutrina muito bem explicada, o terço meditado, ladainha e muitas outras devoções, approvado por S. Em.^a o snr. Cardeal Bispo do Porto.

Tudo o que se encontra n'este livrinho foi extrahido do excellente livro

Jesus ao coração de juven. A edição é do snr. Mesquita Pimentel. O preço avulso do *Novo Catecismo* é 50 réis.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Iniciação do Aprendiz-Mação

(Vid. pag. 41)

Esta gravura representa uma das *provas* a que é submettido o aprendiz a mação. É a *camara das reflexões*. É um aposento muito acanhado, com as paredes pintadas de negro. Sobre o

fundo preto realçam esqueletos completos, caveiras sobrepostas a duas tibias, tudo condimentado, segundo informa *Leo Taril* nos *Mysterios da Franc-Maçonaria*, com inscripções lugubres. Janella nem uma. Um simples bico de gaz, com suporte na parede, derrama n'esta estancia uma luz insufficiente. Por unica mobilia uma mesa e um escabello; sobre a mesa repousam uma caveira e alguns ossos. Se o candidato tem crenças religiosas, collocase tambem na mesa uma Biblia aberta no primeiro capitulo do Evangelho de S. João.

Sobre a mesa um panno branco; n'ella encontra o candidato tinteiro,

penna, e papel, em que estão impressas estas tres questões: Quaes são os deveres do homem para com a sua patria? Quaes são os deveres do homem para consigo mesmo? Quaes são os deveres do homem para com os seus semelhantes?

Por baixo d'estas questões, fica um grande espaço, em branco, reservado para escrever as respostas: depois um largo traço preto, sobreposto a esta palavra, em letras garrafas: *Testamento*; e ainda um grande espaço em branco.

Ao introduzir na estancia o candidato, o irmão servente diz-lhe com voz cavernosa:

—Brevemente ides passar a uma vida nova. Sentae-vos. Respondei por escripto a essas questões e fazei testamento.

A porta fecha-se de novo, e cil-o a sós, na agradável companhia dos esqueletos e caveiras.

Depois... depois o pobre homem é admittido a Aprendiz, se responde ás questões como lhe segredaram ao ouvido os malvados Irmãos Tres Pontinhos.

A Invenção da Santa Cruz

(Vid. pag. 61)

A Igreja celebra esta festa em memoria do descobrimento do sagrado trophéu da nossa redempção em 326, pouco depois do imperador Constantino haver derrotado Maxencio por virtude do signal da cruz.

Constantino ia travar batalha com o tyranno Maxencio; e conhecendo que sem auxilio superior o não venceria, elevou o seu coração ao Deus dos christãos, pedindo-lhe auxilio.

Depois d'este appello ao Deus dos christãos, viu no meio do céu uma cruz resplandecente, mais brilhante que o sol, orlada d'uma inscripção em caracteres de luz, que dizia: *In hoc signo vinces*: vencerás por virtude d'este signal. Naquelle mesma noite Christo Senhor Nosso appareceu a Constantino com o mesmo sacrosanto symbolo da cruz, e mandou que fizesse desenhos um á semelhança d'aquelle para servir nos combates.

Obedecer o imperador; e não só mandou fazer um, mas muitos symbolos semelhantes, repartindo-os por cada legião e mandando esculpir em seu morrião o monogramma do Salvador do mundo, e tambem nos broqueis dos seus soldados.

Não contente com isto, pediu a alguns Bispos que o instruisse nos mysterios da nossa religião, resolveu

a não consentir outra em toda a extensão do imperio.

Entremettes Maxencio saiu de Roma com o seu formidavel exercito, composto de mais de cento e oitenta mil combatentes. Constantino, cheio de confiança na cruz de Jesus Christo, esmagou-os e Maxencio afogou-se nas aguas do Tibre. Constantino entrou em Roma, e para eternisar o testemunho de que devia a victoria á virtude da Santa Cruz, mandou fazer uma estatua sua na mesma Roma com o trophéu da nossa redempção em sua mão, e com uma inscripção, onde se publicava a sua fé e reconhecimento.

Pouco tempo depois d'este acontecimento, Santa Helena, mãe do imperador Constantino, dirigia-se a Jerusalem. Subiu ao monte Golgotha, abraçada em ardentissimos desejos d'encontrar o sagrado madeiro onde foi operada a nossa redempção. Mandou demolir o templo da deusa Venus e a estatua de Jupiter, collocada pelos gentios no mesmo sitio onde estava o sepulcro do Redemptor, e encontrou lá tres cruces do mesmo tamanho e do mesmo formato, sem que fosse possível distinguir qual era a do Salvador, porque o titulo que Pilatos tinha mandado pôr sobre ella: «Jesus Nazareno Rei dos Judeus» estava separado e em meio das tres cruces.

Não sabendo a santa imperatriz como distinguir entre as tres cruces a do Redemptor, consultou S. Macario sobre o que fazer, e este santo foi de parecer que se applicassem as tres cruces a algum enfermo, não duvidando que Deus declararia com algum milagre qual d'ellas era a verdadeira cruz do Salvador. Approvado o alvitre, foram applicadas duas cruces a uma senhora de distincção que estava agonisante, sem que produzissem nenhum effeito; mas apenas se lhe chegou a terceira, ficou repentinamente curada.

Depois fez-se nova prova. Estenderam sobre as tres cruces tres cadaveres e sómente resuscitou aquelle que se estendeu sobre aquella a cujo contacto sarára a agonisante. Com esta ultima demonstração se começou desde logo a prestar ao trophéu da nossa redempção o culto que lhe é devido.

Santa Helena mandou que se edificasse uma sumptuosa igreja no mesmo sitio onde foi encontrada a Santa Cruz, deixando n'ella metade do sagrado madeiro, engastado com preciosissimas pedras e levou a outra metade a seu filho Constantino, que a recebeu com singular veneração. Constantino mandou embutir uma porção consideravel d'ella na sua estatua, elevada no meio da praça, collocada n'uma magnifica columna de porphyro com um globo d'ouro na mão e com a inscripção no

pedestal: «Christo, meu Deus, eu te encomendo a minha cidade.» O remanescente da Santa Cruz foi enviado para Roma pelo mesmo imperador, e collocado na sumptuosa igreja que expressamente mandou edificar para este fim com o titulo de Santa Cruz em Jerusalem.

Foi destinado o dia 3 de maio para celebrar esta festa, a fim d'aproximar, quanto possível, esta festa da da Paixão do Salvador e da da Adoração da Cruz em sexta-feira santa. Por isso se fixou o primeiro dia livre depois da solemnidade da Paschoa, que nunca pôde ir além do dia 2 de maio.

RETROSPECTO

Fructos do tempo

O sr. ministro da guerra, julgando-se offendido por um artigo do sr. Augusto Fuschini, ex-ministro da fazenda, publicado no *Correio da Noite*, mandou as suas testemunhas a este senhor, que nomeou as suas, para resolverem a pendencia.

As testemunhas não chegaram a accordo acerca da natureza da offensa, e um arbitro, chamado a desempatar, foi d'opinião que o periodo do artigo, sobre o qual havia a reclamação, não era offensivo da honra do sr. ministro da guerra.

O duello ficou pois gorado. Mas o escandalo não deixou d'existir.

Não saberá o sr. ministro da guerra que as leis do paiz prohibem o duello? Sabe, por certo. E, se sabe, como se atreveu a calca-las aos pés?

Que auctoridade moral terá amanhã s. ex.^a, se lhe fôr necessario chamar ao seu gabinete um official do exercito, como ainda ha pouco succedeu, para o reprehender, em face dos seus camaradas, por um acto d'indisciplina?

Pois os actos d'indisciplina e de desaeito ás leis são dignos de censura nos governados e dignos de louvor ou honrosos nos governantes?!

E' lamentavel esta falta de senso moral.

D'alto é que devia vir o exemplo; mas, infelizmente, ás vezes é d'onde parte o mal. Assim, são impossiveis as reformas uteis.

Deus nos dê juizo e bom senso, que é o que falta!

O diabo vestindo-se d'ermitão...

Sim, senhores: o diabo vestindo-se d'ermitão... E' o caso que Crispi, o famigerado Crispi da Italia *intangível*, fez-se, á ultima hora, um devoto.

— Então o homem converteu-se? perguntarão os nossos leitores.

— A julgar pelas apparencias...

Mas, historietas.

Dizem de Roma que Crispi assistiu aos officios que durante a Semana Santa se celebraram em S. João de Latrão. O presidente do conselho de ministros de Italia deseja passar por catholico pratico ou, ao menos, faz ostentação de ser

Não contente com isto — e bem haja! — fez restituir ao Papa a basilica de S. Frané seo d'Assis, com todo o *Sagrado Convento*; ultimamente favoreceu a venda de Santa Sabina aos Dominiccos, que voltam a tó mar posse do seu antigo convento, fundado por S. Domingos. Tambem os Capuchinhos conseguiram adquirir o seu convento, situado na praça de Barberini.

Ha quem diga — más linguas! — que Crispi faz tudo isto somente até que passem as eleições, e que, depois, voltará a vestir a casaca d'inimigo fidalga da Egreja e dos catholicos.

O que é certo é que o governo de Italia se vê obrigado a pedir o apoio do clero e do Vaticano para levar ao parlamento os conservadores; mas os catholicos, obedecendo á voz do Papa, não se deixarão enganar pelas cantatas da sereia Crispi.

Voices de... Lemmi não chegam ao ceo

O Grão-Mestre Lemmi (o tal da tratantada dos tabacos em Italia, preso, outr'ora, na França, por ladrão), disse ha pouco: «Na minha qualidade de Summo Pontífice da Luz, não estarei tranquillo no meu posto enquanto o anti-papa do Vaticano não seja destruido com todo o seu acompanhamento de negros uniformes. E quanto a Margiotta (Margiotta convertem-se, e publicou ha mezes um livro em que punha a calva á mostra de Lemmi, provando que elle era um refinado ladrão), visto que se passou ao inimigo, sou de parecer que é necessario arranca-lo d'esse meio.»

Como, não o diz Lemmi. Mas ser-lhe-ha facil. Mande-lhe fazer o que os H... fizeram ao jornalista Morgan: matem-n'o lentamente, ou, se lhes não fôr facil, façam-lhe o que os magões fizeram a Garcia Moreno: apunhallem-n'o. Não desmintam, d'esta vez, as tradições da seita.

As missões catholicas e os progressos do catholicismo

A *Propaganda Fide* acaba de publicar uma relação dos trabalhos levados a effeito recentemente pelas Missões catholicas e dos progressos obtidos pelo catholicismo nos ultimos tempos.

Durante o pontificado de Leão XIII, o apostolado catholico alcançou uma extensão consideravel, ficando estabelecida a gerarchia sacerdotal na Escocia,

na India, no Japão e nos Estados da-nuvianos. Nos da União Americana crearam-se tres novas dioceses; e tanto nas ultimas tribus selvagens do centro da Africa como nas das mais afastadas ilhas da Oceania não ha evangelizados.

A Australia, que ha annos contava poucos sacerdotes, tem actualmente 25 Bispos; o Papa nomeou Cardeal d'aquella região o Arcebispo de Sydney.

O numero total dos catholicos pertencentes aos diversos ritos que dependem da Congregação da Propaganda, excede a 28 milhões; no periodo de 1890 a 1894 o augmento foi d'um milhão, correspondendo a maior parte aos Estados Unidos da America e da Escocia.

As officinas da Propaganda são um verdadeiro ministerio de negocios estrangeiros. Pre-ide a esta Congregação um Cardeal e a sua auctoridade estende-se a todas as partes do orbe.

Possue a Propaganda a mais rica imprensa poliglota que existe no mundo, imprimindo-se n'ella livros, cartilhas, etc., em todas as linguas e dialectos que se fallam no globo terraqueo.

Foi fundada em 1626; um anno depois já contava os caracteres necessarios para imprimir em vinte e seis idiomas diversos. Em 1811, quando Napoleão I fez prisioneiro o Papa Pio VII e o mandou para Fontainebleau, fechou a imprensa da Propaganda, mandando para Paris o material que ella continha; tres annos depois, em tempos de Luiz XVIII, o Papa enviou um Prelado á capital da França e pôde conseguir que lhe restituissem aquelle material; porém grande parte estava completamente inutilisado.

Apezar d'isto, graças aos grandes esforços feitos para voltar a pô-la no estado florecente a que havia chegado, em 1842, ao visitar Gregorio XVI as officinas, viu um album que continha trabalhos impressos em 55 linguas, pertencentes 22 á Asia, 27 á Europa, 3 á America e 3 á Africa, todos impressos com os typos espeziaes a cada idioma.

O estabelecimento typographico da Propaganda Fide é actualmente uma das maravilhas de Roma, que qualquer forasteiro medianamente illustrado visita antes de abandonar a capital do mundo catholico.

Pastor protestante condemnado

O tribunal de appellação para que recorreu o pastor protestante Müller, negou provimento a este, que tinha sido condemnado por um tribunal inferior, em consequencia de ter injuriado os catholicos. O imperador Guilherme applaudiu a resolução do tribunal d'appellação.

Um heroe christão

Eis um episodio commovente do martyrologio contemporaneo no Tonkin, transcripto da interessante obra intitulada - *Vida de Monsenhor Puginier*:

«Um christão, joven de 17 annos, chamado Moi, foi conduzido perante o juiz, o qual, interessado pela phisionomia viva e intelligente do joven, se esforçou para salvar-lhe a vida.

— Pisa a cruz — lhe disse — e dar-te-ei uma barra de prata (14\$400 réis).

— Não é bastante, senhor.

— Bem. Pisa-a, e dar-te ei uma barra d'ouro (216\$000 réis).

— Ainda não é bastante.

— Como! — exclamou o mandarim, estupefacto — Quanto queres tu?

— Muito mais. Se quer que eu calque a cruz aos pés, é necessario que me dê o sufficiente para eu comprar outra alma.

E o intrepido joven dirigiu-se para o supplicio radiante d'alegria.

Fallecimento d'um jesuita

Falleceu o Padre Muruzábal, da inclita Companhia de Jesus, reitor do Collegio d'estudos superiores de Demto.

O Padre Muruzábal, d'um talento singular e d'uma illustração nada commum, era d'aqueno trato e muito eloquente.

Paz á sua alma!

A educação sem Deus

No lyceu de Argel, dois alumnos suicidaram-se em seis dias: um enforcou-se e outro deu um tiro em si.

Em Reims no mez passado, um collegial de dezeseite annos, filho d'um professor da escola de medicina, enforcou-se. Este rapaz desejava viajar, e para realisar o seu intento, tirava dinheiro do cofre onde seu pae o guardava para comprar armas, que distribuía aos seus companheiros. Descobriu-se o roubo, o menino foi reprehendido e... enforcou-se!

Tristes resultados da educação sem Deus!

O matrimonio civil em Franca

O presbytero e deputado francez Lemire, que conseguiu simplificar as formalidades legais do matrimonio civil, recebeu applausos dos catholicos e severas censuras por parte dos que defendem as *uniões livres*.

Quando um deputado catholico se preoccupa com o chamado matrimonio civil para o tornar menos mau, diz-se que não consulta o interesse da moralidade; em compensação os partidarios das uniões livres, que nenhum requisito exigem, chamam-se defensores da moralidade e da ordem familiar.

Quanto a logica e bom senso cada um dá o que tem.

Deus escreve direito por linhas tortas

O dr. Nippold, professor da Universidade de Tena, na Prussia, emprehendeu uma campanha contra o projectado restabelecimento dos jesuitas no imperio allemão. Mas, como Deus escreve direito por linhas tortas, o livro é um penegyrico da Companhia pelo grande numero d'homens celebres que cita em todo o genero de sciencias. Como philosophos, cita os Padres Pesch, Cathrein e Clentgen; como naturalista os Padres Dressel, Braun e Demps; como cultivadores de sciencias juridicas os Padres Cathrein, Pesch e Hammerstein; como pedagogos os Padres Pachtler e Van Achen, e, por ultimo, como historiadores, os Padres Ehrle, Schneeman e Baumgartner.

Fallando da questão operaria, cita quatro Padres que a trataram magistralmente. São Pesch, Pachtler, Cathrein e Lehmkul, de quem se tem dito muitas vezes que é um dos primeiros economistas e o primeiro moralista da nossa epoca.

Para combater o restabelecimento dos Jesuitas, não são de todo maus os argumentos.

Um jesuita condecorado

O Padre Voogel, jesuita, foi condecorado pela rainha Guilhermina da Hollanda com as insignias da Ordem do Leão Neerlandez, pelos seus trabalhos e relevantes actos de caridade na campanha de Lambok.

São favas contadas: se os jornaes anti-catholicos lêrem esta noticia, chamam fanatica á rainha da Hollanda.

Condecorar um jesuita em pleno seculo XIX, e condecoral-o por actos de caridade praticados em campanha!... E' fanatismo, não ha que vêr!

Conferencia importante

O rev. P. de Mandato, jesuita, fez na Academia Pontificia de Roma uma interessante conferencia acerca da «Doutrina de Santo Thomaz sobre as especies organicas e a moderna theoria dos Evolucionistas.» Foi notavel a refutação d'estas ultimas, que se fundam em prematuras e irrationaes inducções e que a cada passo são desmentidas pelos mesmos conhecimentos já adoptados definitivamente nas sciencias naturaes.

Uma colonia comunista

Ha tempos partiu uma expedição para Freiland ou terra da liberdade, pois tal era o nome dado d'antemão a uma terra d'Africa por um douto sonhador allemão, que queria fundar alli

uma colonia comunista que realisaria a bondade absoluta, demonstrando que não são utopias as prophcias socialistas sobre o Estado do futuro.

Querem agora os leitores saber qual foi o resultado da famosa expedição e do promettido Estado comunista? Basta dizer que ainda não conseguiu chegar ao seu destino a expedição. Daremos, pois, algumas informações sobre as causas, informações que lemos n'um jornal catholico estrangeiro.

Apenas desembarcada no territorio do sultão de Zanzibar, os cidadãos do Estado ideal mostraram-se tão insupportaveis, que se reuniram as auctoridades para livrar d'elles o paiz, e a expedição teve que dissolver-se. E' certo, porém, que ella foi surpreendida nas mais deploraveis condições d'organisação.

A expedição não levava quasi dinheiro algum. Por uma incomparavel ironia da sorte, aquelles homens, que iam para um paiz novo, não viciado ainda pelas maldades do capital, afim de crear uma collectividade que devia demonstrar que se pôde prescindir d'elle, gorou por falta de recursos.

O chefe da expedição levára por junto e para todos a quantia de 4:500 marcos (novecentos mil reis), e devia com essa quantia alimentar, transportar e sustentar um exercito de 26 europeus até ao continente do coração africano. Corresponhia a 36:5000 reis por individuo, o que era irrisorio.

A eleição dos membros da expedição não foi mais acertada. Isto, porém, não deve admirar. Não são geralmente os melhores elementos da sociedade os que estão dispostos a abandonar familia e patria para ir fundar um Eldorado collectivista n'outro continente. Acrescente-se a isto que se andou mui leviannamente na accitação dos filhados, pois ia apenas um agricultor e nenhum medico, nem sequer um estudante de medicina.

Em compensação a expedição levava um capitão do exercito austriaco, que queria incutir a todo o custo o espirito de disciplina aos seus companheiros. Dos trabalhadores havia alguns muitos affeiçoados á aguardente, e o encarregado das compras não era limpo de mãos.

O primeiro ensaio do Estado collectivista saiu gorado, e ficou demonstrado que a utopia, apesar de todas as theorias, não pôde levar-se á realisação.

As treze terças feiras de Santo Antonio

Em França existe a devoção das «Treze terças feiras de Santo Anto-

nio», analoga á dos Sete Domingos de S. José», a qual consiste em rezar, e, se é possível commungar, durante treze terças feiras consecutivas para pedir uma graça ao sancto thaumaturgo, que raras vezes deixa d'ouvir as petições que com tão constante perseverança lhe dirigem.

SECÇÃO ADMINISTRATIVA

Tendo-nos alguns assignantes de Lisboa perguntado a quem podem entregar alli a importancia das suas assignaturas de *O Progresso Catholico*, declaramos que é nosso obsequioso correspondente o sr. Manuel Pedro dos Santos, digno administrador do *Novo Mensageiro do Coração de Jesus*, rua do Quelhas, 6.

Aos nossos presados assignantes que se acham em divida das suas assignaturas, pedimos a caridade de as mandarem satisfazer com a possivel brevidade. *O Progresso Catholico*, como sabem, sustenta-se exclusivamente das suas assignaturas, e se estas não forem pagas pontualmente, a administração ver-se-ha a braços com grandes difficuldades para occorrer ás despesas, que são certas e relativamente avultadas.

Temos dois meios de fazer a cobrança: pelo correio ou por um cobrador que vá á porta dos assignantes; mas qualquer d'estes meios é assás dispendioso, e boa esmola seria pouparem-nos a despesas e trabalhos. Pedimos, pois, encarecidamente a todos que nos mandem satisfazer a importancia das suas assignaturas, afim de nos evitarem despesas com que mal podemos.

Nosso Senhor os recompensará de seu zelo e caridade, porque d'este modo contribuirão para auxiliar uma empreza catholica.

A importancia das assignaturas devem ser enviadas em vales do correio ou carta registrada ao abaixo assignado—Rua da Almada, 368—Porto.

O ADMINISTRADOR,

Vicente Fructuoso da Fonseca.